

RESPIRAÇÃO SUSPensa

Zetho Cunha Gonçalves (Angola)

Entre uma estrela e outra,
há agora uma vírgula.

A noite trabalha seus dons, suas luas,
seus ofícios milenares
– prodígio primaveril das árvores, pela manhã.

Saber não fazer nada é um desconhecido privilégio
– a Vida que se não viveu, agora
defronte do pelotão de fuzilamento.

Assassino impotente e acochado
– o olhar torna-se um canibal em pânico.

O terror, meticulosamente ministrado, imbeciliza
– a pobre cabeça luminar do impante idiota
explode em pareceres científicos irrefutáveis.

O hipocondríaco é agora o ser mais feliz à face da catástrofe
– demite-se de toda a função
para que foi temporariamente indigitado.

•

Vejo cabeças como nitreiras a transbordar
– eu sabia que eram muitas,
nunca imaginei que fossem tantas!

A boçalidade instaura seus dogmas, crava seus tentáculos
– Deus rebelde ao Criador.

Para que servem dinheiro e poder
– nas mãos da indigência?

A cobra desfaz-se da pele

– não deixa de ser serpente, não perde o seu veneno letal.



É tão fácil matar,

é tão fácil criar, provocar, esbanjar a Morte

– quando se viveu e brincou nunca a infância, e se odeia a Vida!

Um centímetro cúbico de ar pode ser o Norte magnético

– quem comprará a Morte, senhores do mando,

quem comprará a Morte, em seu trono deslocada?

Roubem-nos tudo

– mas não roubem os nossos Mortos!

